

Breve comentário a um parágrafo de Louis Lavelle

Esboço para exposição em aula

OLAVO DE CARVALHO

“A experiência de nós mesmos (1) mostra-nos que o ato que nos é próprio (2) se vê ultrapassado (3) por efeitos que dependem dele, porque ele os quis (4), e que não dependem dele, porque resultam da ordem do universo (5); é igualmente ultrapassado pela fonte da qual bebe, e que pode se definir, em si mesma, como uma atualidade eterna (6) e, em relação a ele, como a potência mesma que ele atualiza (7) e que, oferecendo-se para que ele dela participe, faz aparecerem todas as potências do eu (8) e todas as potências que vemos em ação no mundo (9).” (De l’Acte, p. 13.)

(1) O autor refere-se à introspecção, mas com a ressalva, já feita em *L’Erreur de Narcisse*, p. 55 da ed. de 2003, de que não se trata da introspecção que se deleita em apreender estados, “traços de personalidade”, hábitos, etc., mas daquela na qual o sujeito se apreende a si mesmo como força criadora, no entanto “invisível”.

(2) O ato que nos é próprio é o pensamento.

(3) É impossível pensar sem que o pensamento se ultrapasse imediatamente e automaticamente pelo simples fato de expressar-se em palavras, mesmo interiores, que já o instalam no mundo social e físico.

(4) O pensamento já manifesta portanto um impulso de agir, de instalar-se no mundo e modificá-lo.

(5) O pensamento que se expressa, mesmo interiormente, faz uso de instrumentos, como a linguagem, o aparelho fonador, o ar etc., que ele não criou e cujo funcionamento não depende dele e sim, em última análise, de toda a estrutura do real. Ao mesmo tempo, ele próprio, enquanto criador de si mesmo, não é criador da sua própria possibilidade de criar-se; é o beneficiário de um ato que o transcende infinitamente.

(6) A liberdade criadora do pensamento não tem fonte natural, é metafísica, provém do ato eterno.

(7) Não há aqui paradoxo nenhum. Aquilo que, em si, é ato (eterno) manifesta-se, no eu, como potência a ser atualizada.

(8) É mediante essa atualização que o eu conhece suas próprias potências.

(9) E é pela atualização dessas potências (por meios que ele colhe do mundo exterior) que ele conhece “as demais potências em ação no mundo”.

As proposições de 3 a 5 esclarecem aquilo que, no curso sobre a Parallaxe Cognitiva, tentei explicar sobre Kant.

Como é possível que, persuadido de que nada conhecemos dos seres senão a sua aparência fenomênica, o filósofo tente comunicar esse pensamento sem que o seu próprio eu pensante e falante tenha de admitir imediatamente que ele próprio não é senão uma aparência fenomênica, encobrindo pensamentos que no seu

incognoscível “eu em si” talvez sejam completamente diversos, ou então confessar que é, agora mesmo e necessariamente, um eu em si falando a outros eus tão reais e substantivos quanto ele mesmo, e não a meras aparências fenomênicas? O mero domínio que o eu tem sobre o curso dos seus pensamentos, ao ponto de poder reproduzi-los por escrito, supõe uma ação exercida sobre o mundo exterior por meios que o próprio eu não criou, isto é, o próprio eu não teria intimidade consigo mesmo sem o concurso desses meios, estabelecendo-se assim uma intimidade imediata e não um abismo entre o seu “em si” e a sua aparência fenomênica. *Mutatis mutandis*, como poderia o filósofo dirigir-se a seus ouvintes e leitores sem estar ciente de que o receberão na sua interioridade real a não somente numa aparência fenomênica de interioridade?

Tanto a proibição kantiana de conhecer os seres em si mesmos quanto o isolamento solipsista do eu cartesiano só existem como construções verbais, não como experiências efetivas.